

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A LIBERDADE PRÉ-CÓDIGO  
15 e 22 de Março de 2024

# THE POWER AND THE GLORY / 1933

*(O Poder e a Glória)*

*Um filme de William K. Howard*

**Realização:** William K. Howard / **Argumento:** Preston Sturges / **Fotografia:** James Wong Howe / **Direcção Artística:** Max Parker / **Som:** A.W. Protzman / **Direcção Musical:** Louis de Francesco / **Intérpretes:** Spencer Tracy (Tom Garner), Coleen Moore (Sally), Ralph Morgan (Henry), Helen Vinson (Eve), Clifford Jones (Tom Garner, Jr), Henry Kolker (Mr. Borden), Sarah Padden (Mulher de Henry), Billy O'Brien (Tom, em rapaz), Cullen Johnston (Henry, em rapaz), J. Farrell MacDonald (Mulligan).

**Produção:** Jesse L. Lasky, para a FOX / **Cópia:** DCP, preto e branco, versão original legendada electronicamente em português / **Duração:** 77 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 16 de Agosto de 1933 / **Estreia em Portugal:** Lys e Chiado Terrasse, em 8 de Outubro de 1934.

Nota: o texto de MCF foi revisto pela última vez pelo autor em Dezembro de 2009, por ocasião da última passagem no filme na Cinemateca, no contexto do ciclo "Viagens com Preston Sturges". As referências temporais reportam a essa data.

---

Na sua recensão de **The Power and the Glory** no número 321 do *Cinéfilo* Fernando Fragoso dizia que ele "fica na história do cinema, como um filme de um género novo, extraordinariamente bem feito. Oxalá o público lhe saiba fazer justiça". Não fez, mas não foi inteiramente por sua culpa e sim pela forma como o filme foi lançado. No início da sua crítica, o director da revista apontava para um pormenor inquietante na distribuição: o facto de grandes filmes serem remetidos para cinemas populares ou de *reprise* na estreia. E dá como exemplos **Skippy**, de Norman Taurog, **House Divided**, de William Wyler, e **The Bowery**, de Raoul Walsh, remetidos para o Olympia, enquanto o Lys e o Chiado Terrasse recebiam **Young America**, de Frank Borzage e **The Power and the Glory**, depois de mais de seis meses na prateleira. Era em 1934, vão três quartos do século, que se escreviam estes queixumes. Terá algo mudado substancialmente nos critérios da exibição?

Que faz este filme surpreendente, a todos os títulos, numa evocação dos setenta e cinco anos da estreia com essa obra definitiva e incontornável da história do cinema que é **Citizen Kane**? A nenhum dos espectadores escapará, no final do visionamento, as afinidades que entre eles existem, tanto no tema como na forma narrativa. **The Power and the Glory** surge-nos como um antepassado do filme de Welles e foi uma das suas influências, e o relativo esquecimento em que caiu terá a ver com o seu carácter pioneiro rapidamente esmagado pelo seu sucessor, apesar de muitos o considerarem superior no cotejo (como foi o caso de Jorge Luís Borges). A(s) novidade(s) de **The Power and the Glory** terão surgido antes de tempo, e a narrativa descontínua era uma novidade absoluta (salvo qualquer possível redescoberta de filme anterior), o que provocou reacções negativas de algumas partes (Fernando Fragoso cita, na sua crítica, o crítico francês Lucien Wahl, que se insurgia contra esta forma, que apenas vinha "complicar as coisas").

A direcção de **The Power and the Glory** é de William K. Howard, um realizador hoje também ele esquecido. A bem dizer terá sido este o seu único grande filme. Ficam as dúvidas sobre os filmes mudos, em particular os westerns, de que costumam referir **The Thundering Herd**, o **Sherlock Holmes** de 1932 e o filme que dirigiu na Grã-Bretanha, **Fire Over England**. Seja como for, do que se sabe e do que se viu, nada fazia apontar William K. Howard para dirigir um filme como o que vamos ver. Um único momento de inspiração ou a paternidade será outra? Tudo aponta para a conjugação de dois talentos invulgares, Preston Sturges e James Wong Howe. A originalidade do argumento traz a marca do espírito inventivo do futuro autor de **Sullivan's Travels**, e a sua construção tem algumas semelhanças com este filme. Sendo este, praticamente, o primeiro argumento de Sturges (até então limitara-se a ser dialoguista) nele lança muitas das ideias novas que tinha para o trabalho no cinema (que por outro lado prolongam as inovações e invenções de que até então já fora autor noutros campos: sabem que inventou um *baton* sem mancha para a indústria de cosméticos da família?). Às novidades de Preston Sturges junta-se a espantosa fotografia de James Wong Howe. E esta é outra das marcas que se sentem em Kane, tanto na profundidade de campo (o espantoso plano da reunião dos operários) como no uso de uma iluminação expressionista, mais evidente no caso de **The Power and the Glory**, dadas as influências mais próximas da cinematografia alemã, com o impacte da luz sobre as trevas em linhas geometricamente desenhadas, como fará mais tarde, às ordens de Fritz Lang, no genial **Hangmen also Die**. No campo da iluminação as audácias não se ficam por aqui: repare-se nas espantosas sequências do encontro de Henry (Ralph Morgan) com a futura segunda mulher de Tom, em que por duas vezes, um "véu" desce sobre a câmara, criando uma atmosfera de "luto" e de premonição trágica e, em particular na inenarrável sequência do suicídio de Tom, com a luz que entra pela janela sobre o corpo que lentamente cai. Aliás este tipo de iluminação encontra-se ao longo de todo o filme, concentrando o drama num determinado espaço, ou sublinhando um certo momento dramático. É assim que abre o filme, como se a luz nos conduzisse na busca de um saber por entre o labirinto das aparências. Dos vitrais da Igreja a luz projecta-se sobre o caixão onde jaz Tom, como do jornal de actualidades se parte para a descoberta da vida de Kane. O que distingue um do outro é que Welles coloca um jornalista que segue uma pista mas passa à margem do essencial. Se o jornalista é secundário é porque ele apenas pode ver outra aparência sobre a aparência. A "verdade" (se o seu conhecimento é possível) é vista no que ele "não vê". Harry, por seu lado, tem um contacto directo (o primeiro *flashback* narra o conhecimento mútuo em crianças e a amizade que daí nasceu, num ambiente rural à "Tom Sawyer") e a sua intenção não é "descobrir", mas "revelar" à mulher o que está para além da aparência. A narrativa mesmo descontínua, segue uma ordem lógica, porque cada momento se vai ligar a outro fora do tempo mas com ele relacionado (o pedido de casamento a Sally na belíssima sequência da subida da colina, é seguida de imediato com a aparição, mais de vinte anos depois, da "outra" mulher, Eve). O suicídio de Sally, com os complexos de culpa que desperta em Tom, liga-se com o nascimento do Tom Jr., e este com o conflito do jovem com o pai (E repare-se como os interiores e os planos da família junta deixam também adivinhar o que de futuro fará Welles, e um deles, a *contre-plongée* ao nível do chão antecipa idêntico plano em **Citizen Kane**).

Para além da sua original forma narrativa, **The Power and the Glory** é também um exemplo de economia de meios e neste caso vale a pena destacar algumas sequências de tonalidades diferentes: a do pedido de casamento, na colina, com a sua construção lírica; a do confronto de Tom com os grevistas, e, em particular, o momento em que Tom surpreende o telefonema da segunda mulher para o seu filho, num crescendo de dramatismo que apressa o desenlace.

**The Power and the Glory**, este pré-Kane, esta obra-prima injustamente esquecida, vai constituir, para quem a não conhece, uma verdadeira revelação.

Manuel Cintra Ferreira